

## RELIGIOSIDADE, IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO NA PARÓQUIA DE SANTA CRUZ – MOGI MIRIM/SP

Guilherme Caruso Rodrigues – IGCE/UNESP, campus de Rio Claro/SP,  
Mestrado, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernadete Castro  
e-mail: [gcarusorodrigues@yahoo.com.br](mailto:gcarusorodrigues@yahoo.com.br)

Os homens vivem naquilo que eles mesmos criam, e criam porque por ele é condicionado: o espaço geográfico. Assim se iniciou este parágrafo do modo a afirmar que o espaço geográfico, o próprio objeto de estudo da Geografia, é visto aqui como produto e condição social. Ou seja, pelo homem que se agrega em sociedade é produzido o espaço geográfico, através dos tempos. Desta maneira, o espaço geográfico é algo não só produzido uma vez e assim permanece estaticamente, como acaba sendo reproduzido constantemente pela sociedade humana, isso permite afirmar que a História, o tempo deve ser levado em consideração sempre ao se procurar fazer uma análise do espaço geográfico. A natureza ao ser apropriada pelo homem, acaba por assumir novas formas e assim ganhar novas significâncias dentro de um processo incessante. Tudo isso sendo sempre condicionado pelo grau de desenvolvimento técnico no qual a sociedade se encontra. O espaço geográfico tem, assim classificado por SANTOS, *fixos* e *fluxos*, compondo-se de objetos e ações de forma indissociável. Os objetos criados pelos homens como uma base material, concreta – a forma, mas não sendo simplesmente algo concreto pronto e acabado, ele aparece dotado de significados – as funções. Estas dando a razão de ser para a forma, ou seja, as funções assumem o papel de ação, que dá importância ao objeto. A forma existe pela função, podendo ser refuncionalizadas, abandonadas, e ou recriadas. Diante disso, materialidade do espaço geográfico acaba sendo alterada, no momento em que a necessidade da sociedade assim se torna. Nesta situação o espaço geográfico é reproduzido, mas isso sempre ocorre dentro de um processo histórico. O espaço, portanto, é sociedade como é também História.

Como maneira de se estudar o espaço pode-se tomar a idéia de *território*, uma de suas categorias de análise. A idéia de território provém da Biologia, que fora importado para a Geografia, sendo ele para aquela Ciência como o ponto defendido por um animal e ali ele buscando se proteger. Diante disso este termo foi

incorporado pela Geografia, ao ser aplicado no espaço geográfico ganhou uma nova significância. Recordando as palavras do geógrafo Claude Raffestin em *Por uma Geografia do Poder*, quando afirma que o espaço é a “prisão original” e o território é a prisão que os homens constroem para si próprios. (RAFFESTIN, P. 144, 1993) Com isso pode-se, assim, fundamentar que o território é algo também produzido pelo homem ao se apropriar do espaço e do mecanismo que utiliza para isso, tanto que o geógrafo Milton Santos chega a dizer também que o espaço geográfico é sinônimo de “território usado”.

Dentre as concepções que se tem de território é válido recordar seu caráter político-jurídico quando é tido como o lócus do exercício do poder do Estado, assim, uma série de instituições públicas dava legitimidade ao poder que era exercido num dado espaço, configurando-o no território. Muito desta idéia se fundamenta no pensamento de Ratzel, onde a produção do território compunha a teoria do *espaço vital*. Também é válido destacar a visão do território pelo ponto de vista econômico, por onde grupos, aglomerados financeiros demarcam o exercício de seu poder pelo controle de mercado.

Entretanto, procura-se ter o território como um espaço que é demarcado por todo um poder de identidade, onde se predomina e se constrói um vínculo. Dá-se, portanto, a determinado espaço uma série de significados e valores. Devendo entender o território não só por meio de uma base material, mas como um espaço que é produzido pelo abstrato, através dos símbolos e de situações, da mesma forma, que dialeticamente a sociedade, grupo humano que lhe fornece significados, é influenciada culturalmente por ele. A apropriação pode também se dar pelo princípio de uma identificação com o espaço, tanto que HAESBAERT, p.78, 2004 afirma:

*“O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido.”*

Dessa forma, cria-se uma territorialidade assentada nesta identificação, a dimensão simbólica, e cultural representa um vetor desta apropriação, criando os territórios. A territorialidade, que é a razão de ser do território, nesta perspectiva é a identidade territorial.

As maneiras de se usar e se apropriar do espaço no caso do objeto de estudo – a Paróquia Santa Cruz em Mogi Mirim/SP – são permeadas por um forte vínculo como ele, mantido pelo simbólico. Este por sua vez sustentado pelas tradições de embasamento religioso. Do mesmo jeito que há, também, uma forte relação de identidade entre as famílias que ocupam o local, identidade de sangue, já que ocorrem muitas vezes casamentos entre estes, e a identidade que a Igreja construiu ao longo dos anos. É significativa a relação existente de compadrio, mas não de maneira servil, entre o agregado da grande fazenda e o senhor. Mas sim entre pares de quase ou o mesmo status social. Isso ajuda a manter a forte relação e vínculo que estas famílias cultivam.

É produzido, assim, a idéia de território, de territorialidade. Não uma territorialidade delimitada pela Igreja de simples jurisdição paroquial, mas sim uma territorialidade construída ao longo do tempo pela identidade, vínculo entre as pessoas e o espaço. A manifestação destas se dá também pelas próprias relações cotidianas que estas pessoas praticam entre si, além dos eventos que por estes são realizados.

Essa territorialidade não cria somente o território em si, mas o vínculo de identidade, assim, praticado faz deste espaço um lugar, o seu lugar, de uso, de história, como se fosse a história de cada um. Uma relação topofílica até mesmo. O lugar é algo que foi e que continua sendo construído, nele se desenrola a vida em todas as suas variações e dimensões. Ali se “deposita” uma série de práticas sociais, culturais etc.

Um lugar no espaço não é produto do acaso, do nada, sobretudo quando se pensa sob o viés geográfico. Isso porque os seres humanos vivem naquilo mesmo que produziram, continuam produzindo e reproduzindo: o espaço geográfico. Construído, ao longo do tempo. Sendo assim esse processo de construção, como já se afirmou ocorre através da História, pode ser tomado, experimentado, vivido, de várias formas. Tudo depende, de como se concebe e se apropria do tempo, e qual a relação que assim se tem com o espaço.

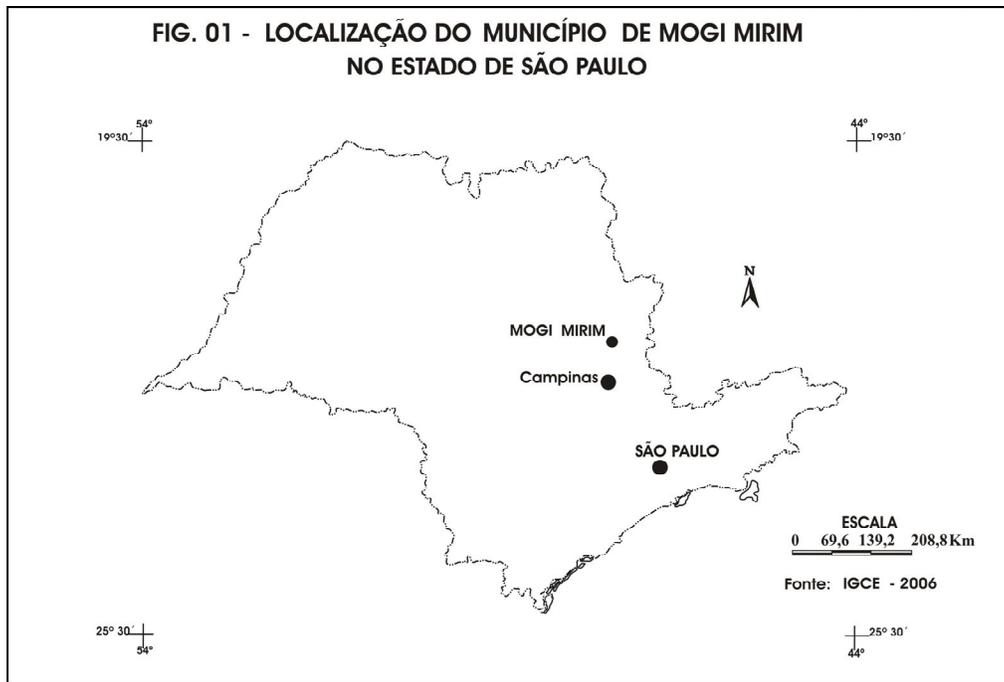
No processo da construção do espaço pela sociedade humana, chama a atenção toda uma estrutura cultural em que está mergulhada os atores sociais em questão. É preciso perceber o quanto foi vivido, como se deu este vivido, para poder ver quais foram as experiências, quais são os símbolos, que valor se dá.

A Paróquia Santa Cruz vale destacar, se localiza como já se falou no município de Mogi Mirim/SP, este a mais ou menos 160 Km da capital São Paulo e 50 Km de Campinas. Esta jurisdição eclesiástica ocupa basicamente a porção oeste o município. Trata-se de uma paróquia essencialmente rural, isso porque na zona urbana só há a matriz e uma pequena capela, sendo que as outras capelas pertencem a zona rural. Considerando a princípio as pessoas que ali vivem, sendo a grande maioria descendente de italianos. Muitas destas famílias vieram com a substituição de mão-de-obra escrava nas lavouras de café no fim do século XIX e início do século XX. Algo muito comum no interior do Estado de São Paulo, já que era o maior produtor de café no Brasil. Entretanto, como se sabe a produção e exportação de café abandona o cenário econômico nacional, sendo substituído pela indústria e outras culturas agrícolas até mesmo. É o momento de decadência, logicamente, dos grandes latifundiários produtores de café, não sendo diferente, em Mogi Mirim. Sendo suas terras vendidas, a outros proprietários, muitas vezes fracionadas em pequenas e médias propriedades. Possuindo a área rural englobada por esta paróquia as seguintes características:

- ✓ Pequenas e médias propriedades rurais;
- ✓ Ocupadas a partir do fim do café;
- ✓ Cultura diversificada, não mais uniformizada por um único produto, como era o café;
- ✓ Boa parte destas propriedades pertencendo a descententes de italianos;
- ✓ Forte apego ao catolicismo e grande vínculo com a Paróquia que abrange o lugar;

Distribuídas estas famílias nos seguintes bairros rurais, Piteiras, Bocaína, Borges, Francos, Paiol de Telhas, Gabrielzinho, Pirapitingui, Pederneiras, Vatinga, Tanquinho etc. Deve-se abordar que a Paróquia da Santa Cruz foi constituída há 47 anos e possui o mesmo pároco desde sua elevação, sendo uma figura muito marcante lá, pois representa quase que uma unanimidade por todos os seus paroquianos, dando sustentáculo a boa parte das tradições que a envolvem.

Veja o mapa com a localização do município de Mogi Mirim/SP:



Já se falou da importância do tempo na produção do espaço geográfico, e na questão da construção do território, este como uma forma de análise do espaço. Assim, quando se propõe entender o as relações existentes na chamada paróquia de Santa Cruz no município de Mogi Mirim/SP, parte-se da premissa de que neste caso há uma forte produção territorial. O espaço geográfico na área de abrangência desta jurisdição eclesiástica tem todo um significado. Logicamente, não se trata de se realizar uma análise, pura e simples, do funcionamento da Paróquia enquanto unidade da Igreja Católica somente. Através de uma observação prévia do local, o que se pode perceber foi toda uma construção cultural entorno de um lugar, de uma área no espaço geográfico. Como já se falou anteriormente, a paróquia da Santa Cruz tem sua base essencialmente na zona rural, nesta formada por pequenos e médios agricultores basicamente, em que a maioria das famílias descende de italianos, cuja formação é essencialmente católica. Desta forma, o que se consegue observar mediante a essas famílias é justamente uma forte relação de identidade com o lugar, bem como com toda a área de jurisdição da paróquia. O vínculo formado aí se territorializa no espaço geográfico torna-se um território. Logo, uma das proposições desta pesquisa é a análise desta provável territorialidade que ali existe fundamentada essencialmente na construção de uma comunidade, formada, sobretudo por descendentes de italianos, de forte tradição católica. É de grande valia

ressaltar o caráter histórico que esta produção territorial se faz, pela inerente questão temporal que se tem a produção do espaço geográfico, mas também pela memória que esta comunidade guarda e a põe em prática na manutenção de suas tradições. Tradições preservadas pelas festas que ainda se tem na zona rural, em louvor ao padroeiro da região. Estas festas são de grande significância, pois serve como ponto de encontro da comunidade que ali se insere, encontrando-se na capela do bairro rural que pertencem. Acaba sendo estas capelas um ponto de referência entre os pares da grande comunidade formada entorno da paróquia. Nestes bairros rurais, quando se aproxima os dias de festa é comum o *festeiro* se reunir com a comunidade e prepará-la, tornando o ato da preparação da festa até a o dia dela uma grande ritual, que não pode ser interrompido. Consistem estas festas na missa durante o período da tarde, e a quermesse já quase a noite, em algumas já seguido do *baile*. Isso é a grande celebração do pertencimento de uma comunidade, de algo comum, dentro da zona rural, mas é importante pensar que para o acontecimento disso o grande amálgama de tudo é a fé, embasada na tradição católica, entretanto dentro de um catolicismo ainda muito popular e com algumas peculiaridades.

Outras festas que acabam por envolver toda a comunidade paroquial de grande importância é Romaria dos Cavaleiros que já acontece há mais de trinta anos, sempre no primeiro domingo de maio, coincidindo com a Festa de Santa Cruz no dia 03 de maio e em louvor a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tal evento é algo mobiliza toda a Paróquia, e, é efetivamente marcada pela zona rural que ativamente a organiza. Quase que toda a cidade de Mogi Mirim espera por este evento, mas o grande espetáculo mesmo para quem organiza e se sente envolvido é o espetáculo da fé. Outro evento a ser destacado é a missa de abertura do Ano Agrícola que ocorre todos os anos no último domingo de julho, na matriz, destinada aos produtores rurais da região e missa essa organizada por eles. Quase que todas as famílias da zona rural participam deste evento, já que isto pode se torna uma momento para agradecer e acreditar numa boa produção para o “ano agrícola” que se inicia. Aqui é permitido levantar algumas questões de como é concebido o *tempo*. Portanto, que tempo se vivencia ali? O tempo da festa, ou da produção capitalista? A Igreja Católica pode demarcar alguma temporalidade?

Os eventos ligados ao catolicismo como já se falou reúne as famílias pertencentes a zona rural e formando entre elas um ponto de coesão, dando o caráter de comunidade, e de grupo, que tem algo em comum. Deste algo em comum

pode-se destacar terra, todo o seu significado e a fé. Esta fé sendo catalisada pela Paróquia a qual pertencem, e tendo como lugar para o encontro o templo principal na zona urbana e as pequenas capelas na área rural. Há, portanto, o poder da identidade entorno do espaço, o que novamente fala-se numa territorialização. Onde o território neste caso ganha o caráter de *geossímbolo*, devido ao significado que é dado por quem o usa e se identifica com ele. Porém, também que faz uso dele também tem sua cultura fortemente construída pelo próprio espaço, é uma relação dialética, nas palavras de ROSENDAHL,Z, p.195, in; CORRÊA e ROSENDAHL, 2003:

*“A religião só se mantém se sua territorialidade for preservada e, neste sentido, pode-se acrescentar que é pela existência da religião que se cria um território e é pelo território que se fortalecem as experiências religiosas individuais e coletivas.”*

Logo, há uma territorialidade que é constituída a partir da fé, agregando um comunidade no espaço, concretizada por um todo um conjunto de práticas do grupo, tanto que conforme a mesma autora:

*“ territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território. Sendo assim, a territorialidade engloba, ao mesmo tempo , as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território.”*

A construção deste espaço em comum, agregado de valores e símbolos não só se manifesta pela religião, mas imbricado a ela está também a origem das famílias que ocuparam tal área por um longo período de tempo. Em que muitas delas datam do início do século XX e até mesmo fins do século XIX, sendo a grande maioria de oriunda da Itália. Podem-se destacar as seguintes famílias: Coser, Percebon, Boveloni, Benatti, Bonatti, Bernardi, Biazotto, Guarniéri, Mantovani, Bordignon, Manera, Manara, Simoso, Leonello, Avancini, Rossi, Moreno, Tagliaferro, Tagliari, Davoli, Dovigo, Tarossi etc. O longo tempo que estes permanecem no local – aproximadamente um século – possibilitou a formação de uma vasta identidade

entre os membros destas famílias. Identidade que é expressa e cimentada pelo vínculo formado com o casamento. Ou seja, o casamento entre os membros destas famílias é quase que uma regra, sendo bastante difícil a entrada de alguém “de fora” para constituir matrimônio. Isso se torna uma maneira de conservar a identidade, já que há um casamento entre os membros. No entanto, também preserva o valor simbólico da terra. Eis uma das questões deste projeto: seria isso uma maneira de não dividir tanto a terra para as gerações futuras? E, também seria uma maneira de conservar o vínculo, a identidade, também pela terra? Isso daria à terra um valor significativo na composição da territorialidade. A terra seria, então, a base material para a construção territorial, dotada de sua significância simbólica, trata-se de uma apropriação concreta e abstrata ao mesmo tempo, uma forma de “territorialização”. É interessante, desta maneira, observar as palavras de HAESBAERT, p.45, 2002:

*“ compreendida a territorialização, de modo muito genérico, como o conjunto das múltiplas formas de construção/apropriação (concreta e/ou simbólica) do espaço social, em sua interação com elementos como poder (político/disciplinar), os interesses econômicos, as necessidades ecológicas e o desejo/a subjetividade(...)”*

Por isso tem como necessário retomar a idéia de BAIRRO RURAL. Segundo Antonio Candido, a idéia do “bairro rural”, nasce nas antigas províncias de São Paulo e Minas Gerais, sendo estes as antigas unidades político-administrativas conhecidas como *freguesias*, ou a simples vila. Esta formada pela Câmara e sobretudo a Paróquia, onde a presença de um sacerdote era fundamental, na vila tinha uma certa concentração demográfica, porém a maioria da população se encontrava dispersa pelo seu território, habitando áreas rurais, que segundo Candido, o modo de vida era dito como *rústico*, entendido também como *cultura caipira*. Segundo este mesmo autor:

*“Rural exprime sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo de culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação*

*dos traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine.”*

Candido, p.26, 2003, 10ªed;

Foi por meio desta mescla entre culturas, envolvendo um ingrediente fundamental que é o catolicismo que se têm as bases para construção do rural no Brasil, até pelo menos a industrialização. Dessa maneira, continuando com a idéia de Bairro Rural, deve-se ainda notar que ele tem como uma de suas características o forte “sentimento de localidade”, cuja coesão era amalgamada muitas vezes pela Igreja Católica. Sendo os principais eventos destas comunidades, que reforçavam este sentimento de pertencimento, eram as festas do padroeiro, produzindo o espaço geográfico, bem como o espaço social. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz:

*“Tradicionalmente, uma capela marcava o núcleo central, e a festa do padroeiro constituía um dos momentos importantes de reunião para os componentes de dispersos pelas cercanias, - momento em que se afirmava a personalidade do bairro, em relação aos vizinhos. Cada bairro se compunha de famílias conjugais autônomas, autárquicas, lavrando independentemente suas roças quando e como queriam.”* Queiroz, p.04,1973

Esta estrutura social dá toda uma significância aos bairros rurais, possibilitando a construção de vínculos com o espaço, tornando-o um lugar e do mesmo modo um território. As relações que são produzidas aí podem ser traduzidas em territorialidade, se manifestam pelos significados adquiridos ao longo do tempo. Inclusive a relação com a terra, o tipo de cultura é dotada de toda uma significância cultural. Nota-se também a importância das relações de parentesco na construção deste território inscrito dentro do bairro rural.

Outro ponto relevante, para um trabalho que envolve a zona rural, é a relação capitalista permeada na agricultura. Lendo uma dissertação de ZIBORDI, A. F.G. (1982) *As transformações agrárias ocorridas nos municípios de Moji Mirim e Mogi Guaçu*, notou-se que a área em questão, como toda a zona rural do município, era uma grande produtora de café. Seguindo a lógica econômica que predominou no Brasil no século XIX e início do século XX, tendo a produção e exportação deste até a Queda da Bolsa de Nova York, em 1929. Como o abandono desta cultura no

Brasil, que foi acompanhada da própria modernização da economia, a área de estudo dá lugar, até aproximadamente a década de 1950 e 1960, à pastagens. Permanecendo assim, conforme o estudo do autor, tendo uma refuncionalização econômica com, como já se falou, o processo de modernização e industrialização do Brasil. Isso ocasiona uma abertura econômica do país ao mercado externo, simbolizado sobretudo pela chegada das multinacionais. Não sendo diferente na região. A industrialização provoca o processo de urbanização brasileira, transformando os hábitos de consumo da população. Surgem grandes centros urbanos, destacando a capital paulista e no caso da região que se propõe o estudo Campinas. A própria cidade de Mogi Mirim tem um acelerado também, tendo um salto em sua população urbana de 3 683 habitantes, em 1950, para 65 334 em 1980, e contando uma população estimada para 2005 de 91 938 hab<sup>1</sup>. Logo, o campo acaba cedendo aos desígnios da indústria, bem como da cidade, obrigando-o a produzir conforme a demanda destas.

Segue a tabela informando os principais produtos agrícolas se Mogi Mirim:

**TABELA 01 – LAVOURA TEMPORÁRIA – 2003 – Mogi Mirim/SP**

<b>PRODUTO AGRÍCOLA</b>	<b>QUANTIDADE PRODDUZIDA</b>	<b>VALOR DA PRODUÇÃO</b>
Algodão herbáceo	2360 toneladas	1770 mil reais
Arroz (em casca)	450 toneladas	217 mil reais
Cana de açúcar	423000 toneladas	12783 mil reais
Feijão	300 toneladas	540 mil reais
Mandioca	52000 toneladas	9230 mil reais
Milho	26880 toneladas	8669 mil reais
Soja	720 toneladas	516 mil reais
Tomate	5000 toneladas	3075 mil reais

FONTE: IBGE – Produção Agrícola Municipal, 2003

<sup>1</sup> Fonte: IBGE – Censos Demográficos – SP-1950, 1980 e 2005

**TABELA 02 – LAVOURA PERMANENTE – 2003 – Mogi Mirim/SP**

<b>PRODUTO AGRÍCOLA</b>	<b>QUANTIDADE PRODUZIDA</b>	<b>VALOR DA PRODUÇÃO</b>
Abacate	3960 toneladas	1440 mil reais
Banana	4275 toneladas	1060 mil reais
Café	12 toneladas	34 mil reais
Laranja	144000 toneladas	35280 mil reais
Tangerina	11832 toneladas	2610 mil reais

FONTE: IBGE – Produção Agrícola Municipal -2003

Com a industrialização a região recebe importantes indústrias multinacionais, dentre elas destaca-se a INTERNATIONAL PAPER DO BRASIL e a CORNS PRODUCTS BRASIL, ambas situadas no município vizinho – Moji Guaçu – cuja área urbana é conurbada com a área urbana de Mogi Mirim. A segunda indústria apresenta uma grande relevância na agricultura do município de Mogi Mirim, estimulando seus produtores a cultivar o milho, de modo a abastecê-la com matéria-prima. Tendo o município uma significativa produção desta cultura, de acordo com a tabela acima, classificada pelo IBGE, como *lavoura temporária*, e é o terceiro mais produzido, e o segundo em rendimento, em Mogi Mirim nos cultivos desta natureza. Outro tipo de cultura que segue o ritmo da indústria é a laranja, considerada *lavoura permanente* pelo IBGE, é o principal produto agrícola do município (ver Tabela 02). O motivo de deste tipo de cultura se justifica pela presença na região de empresas ligadas a produção industrial de suco de laranja, sendo que boa parte desta é destinada a exportação, como o caso da CITROSUCO em Limeira/SP e da CUTRALE em Conchal/SP – ambos municípios circunvizinhos de Mogi Mirim. A zona rural mogimiriana se coloca como uma importante fonte de matéria-prima para estas indústrias.

Destaca-se também a produção de hortaliças, legumes e outros tipos de frutas, porém em menor quantidade, cuja produção atende, de forma pouco significativa feiras livres locais, mas tendo como principal destino centros de abastecimento como o CEAGESP, na capital e o CEASA, em Campinas sobretudo.

A produção de flores também ocorre, demonstrando a influência do município de Holambra/SP, vizinho a Mogi Mirim.

Eis um ponto muito relevante neste estudo, a relação entre o econômico e o cultural e quais são as suas implicações no território.

## **BIBLIOGRAFIA**

CANDIDO,A. **Parceiros do Rio Bonito** – Estudo sobre o paulista e a transformação dos meio de vida. São Paulo, 34, 2003

COSGROVE,D.E.;JACKSON,P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In.: CORRÊA,R.L.;ROSENDAHL,Z(Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003

HAESBAERT,R. **Territórios alternativos**. Niterói, EdUFF, São Paulo,Contexto,2002

HAESBAERT,R. **O mito da desterritorialização** – Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio deJaneiro, Bertrand Brasil,2004

LEFÉBVRE,H. **La revolución urbana**. Madrid: Alianza Editorial,1972

MARTINS,J.S.**A sociabilidade do homem simples**.São Paulo,Hucitec,2000

MONBEING,P. **Pioneiros fazendeiros do Estado de São Paulo**, São Paulo, Hucitec/Polis,1998

MORAES,A.C.R. **Geografia** – Pequena História Crítica.São Paulo,Hucitec,1998

PRADO JR.C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Brasiliense, 1981

PRADO JR.C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo, Brasiliense,1981

QUEIROZ, M.I.P. **Bairros Rurais Paulistas**. São Paulo, Livraria Duas Cidades,1973

QUEIROZ, M.I.P. **O Campesinato Brasileiro.** (Estudos Brasileiros). Petrópolis, Vozes; São Paulo, EdUsp, 1973

RAFFESTIN,C.**Por uma geografia do Poder.** São Paulo, Ed. Ática,1993

ROSENDAHL,Z. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise In.: CORRÊA,R.L.;ROSENDAHL,Z(Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003

ROSENDAHL,Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro, UERJ,2002

SANTOS,M. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo, Hucitec,1982

SANTOS,M. **A natureza do espaço – tempo e técnica, razão e emoção.** São Paulo:Hucitec,2002

SANTOS, M. **Espaço e método,** São Paulo, Nobel,1985

SAUER, C. Geografia Cultural In.: CORRÊA,R.L.;ROSENDAHL,Z(Org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003

ZIBORDI,A.F.G. **As transformações agrárias ocorridas nos municípios de Moji Mirim e Moji Guaçu.** Rio Claro, Dissertação de Mestrado, 167 f, 1982

#### **Site Consultado**

[WWW.IBGE.GOV.BR/](http://WWW.IBGE.GOV.BR/) INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/CIDADES@, acessado em junho de 2007

**Resumo:**O presente trabalho aborda o espaço geográfico como forma de compreensão da sociedade contemporânea, como produto e condição da mesma. Sua configuração surge como resultado do constante movimento

social através da História, passando por um processo de produção e reprodução. Analisando neste estudo as relações sociais entre famílias de origem italiana, na Paróquia da Santa Cruz, no município de Mogi Mirim/SP, produzindo e reproduzindo seu espaço. Marcado por relações de parentesco, de trabalho e de entrosamento com o bairro e a cidade. Características como o vínculo entre os membros da comunidade, sustentado por sua origem, pela fé católica, pelo laço familiar e por uma cultura construída ao longo do tempo em torno da terra, são estruturas que implicam na produção e reprodução deste espaço específico. A idéia de bairro rural neste contexto torna-se de grande valia para a compreensão desta formação territorial. Sendo assim, entende-se que tais características vão desenhando um território apropriado pela identidade, reconstruída através de grupos geracionais e marcada pelo uso do poder da identidade com o lugar.

Os vínculos estabelecidos por essas famílias, através de práticas e valores permitem uma forma específica de inserção na economia local e regional, modernizada e em ritmo acelerado de crescimento.

**Palavras-chave:** território, territorialidade, identidade, religiosidade

**Resumo:** El presente trabajo aborda el espacio geográfico como forma de comprensión de la sociedad contemporánea, como producto y condición de la misma. Su configuración surge como resultado del constante movimiento social a través de la Historia, pasando por un proceso de producción y reproducción. Analizando en este estudio las relaciones sociales entre familias de origen italiana, en la Parroquia de la Santa Cruz, en el municipio de Mogi Mirim/SP, produciendo y reproduciendo su espacio. Marcado por relaciones de parentesco, de trabajo y integración con el barrio y la ciudad. Características como el vínculo entre los miembros de la comunidad, sostenido por su origen, por la fe católica, por el lazo familiar y por una cultura construida a lo largo del tiempo en torno a la tierra, son estructuras que implican en la producción y reproducción de este espacio específico. La idea de barrio rural en este contexto se torna de gran valía para la comprensión de esta formación territorial. Así siendo, se entiende que tales características van diseñando

un territorio apropiado por la identidad, reconstruida a través de grupos generacionales y marcada por el uso del poder de la identidad con el lugar.

Los vínculos establecidos por esas familias, a través de prácticas y valores, permiten una forma específica de inserción en la economía local y regional, modernizada y en ritmo acelerado de crecimiento.

**Palabras-clave:** territorio, territorialidad, identidad, religiosidad